

Reflexões sobre a atualidade do “Ser ou não ser bibliotecário”

Murilo Bastos da Cunha

Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, DF, Brasil
murilobc@unb.br

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v15.n3.2022.45580>

Recebido/Recibido/Received: 2022-10-25

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2022-11-02

Resumo:

O editorial comenta a releitura do documento “Ser ou não ser bibliotecário”, publicado em 1966, de autoria do Professor Edson Nery da Fonseca. Mesmo tendo transcorrido mais de 56 anos da primeira publicação desse texto, esta releitura apontou dois aspectos: o primeiro, é que esse verdadeiro manifesto contra a inércia do bibliotecário brasileiro, poderia, com poucos reparos, ser tranquilamente publicado nos tempos atuais. O segundo aspecto, é que muitas das coisas apontadas ainda clamam por soluções nesse conturbado contexto biblioteconômico brasileiro. Além disso, são comentados os artigos incluídos no terceiro número de 2022 da *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*.

Palavras-chave: Ciência da informação. Biblioteconomia. Bibliotecário. Fonseca, Edson Nery da.

EDITORIAL

Reflexiones sobre la actualidad de “Ser o no ser bibliotecario”

Resumen

El editorial comenta la relectura del documento “Ser o no ser bibliotecario”, del profesor Edson Nery da Fonseca, y publicado en 1966. Si bien han transcurrido más de 56 años desde la primera publicación de este texto, esta relectura apuntó dos aspectos: el primero, es que este verdadero manifiesto contra la inercia del bibliotecario brasileño podría, con pocas reparaciones, publicarse tranquilamente hoy. El segundo aspecto es que muchas de las cosas mencionadas todavía claman por soluciones en este contexto conflictivo de la biblioteconomía brasileña. Además, se comentan los artículos incluidos en el tercer número de 2022 de la *Revista Iberoamericana de Ciencias de la Información*.

Palabras-clave: Ciencias de la información. Bibliotecología. Bibliotecario. Fonseca, Edson Nery da.

Reflections on the actuality of “Being or not to be a librarian”

Abstract

The editorial comments on the rereading of the document “To be or not to be a librarian,” written by Professor Edson Nery da Fonseca and published in 1966. Even though more than 56 years have passed since the first publication of this text, this rereading pointed out two aspects: the first, is that this true manifesto against the inertia of the Brazilian librarian could, with few repairs, be published today. The second aspect is that many of the things mentioned still cry out for solutions in this troubled Brazilian librarianship context. In addition, the articles included in the third issue of 2022 of the *Ibero-American Journal of Information Science* are commented.

Keywords: Information Science. Library Science. Librarian. Fonseca, Edson Nery da.

1 Introdução

Tempos atrás tive o prazer de ler o opúsculo do meu antigo professor Edson Nery da Fonseca intitulado *Ser ou não ser bibliotecário* (FONSECA, 1966), originalmente publicado em 1966, pela Universidade de Brasília. Anos depois, em 1988, esse documento foi incluído como um dos capítulos da obra com o mesmo título, publicada pela Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (FONSECA, 1988, p. 28-30).

Em recente releitura desse texto pude confirmar, mais uma vez, que o mesmo permanece com a razão, pois, mesmo tendo transcorrido mais de 56 anos da primeira publicação continua polêmico e instigante. Creio que essa releitura apontou dois aspectos: o primeiro, é que esse verdadeiro manifesto contra a inércia do bibliotecário brasileiro, poderia, com poucos reparos, ser tranquilamente publicado nos tempos atuais. O segundo aspecto, é que muitas das coisas apontadas ainda clamam por soluções no atual contexto biblioteconômico.

Mas, qual teria sido o fato gerador para o surgimento do *Ser ou não ser bibliotecário*? Em 1988, na introdução a uma coletânea de parte dos seus escritos, o Mestre Edson mencionou que:

Em janeiro de 1966, estando em férias numa praia do Recife, fui distinguido com um convite para dizer algumas palavras no Curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Pernambuco. Não podendo preparar uma palestra sobre assunto técnico, por estar longe dos meus livros e de minhas fichas, lembrei-me do padre Teilhard de Chardin que, estando um domingo no deserto, com um grande desejo de celebrar, mas não tendo os elementos essenciais para a missa, escreveu a meditação – que é a sua obra-prima – *La messe sur le monde*. Ocorreu-me, então, fazer, perante os professores e alunos de Biblioteconomia do Recife, uma reflexão sobre o que deve e o que não deve ser um bibliotecário. E em poucas horas de uma linda noite tropical, ouvindo o mar bater na praia de Boa Viagem e olhando, de vez em quando, o Recife e Olinda que dormiam à distância, escrevi o *Ser ou não Bibliotecário*, tendo como *leitmotiv* o famoso monólogo do Hamlet. (FONSECA, 1988, p. 11)

Esta releitura tentará mostrar a atualidade da visão do Mestre, demonstrando assim, o quão ainda é importante esse seminal documento – um pouco esquecido por alguns por acharem ser uma obra menor. Deve ser aqui ressaltado que, do ponto de vista estritamente catalográfico, não seria considerado como um livro, pois tem menos que 49 páginas! A verborragia, comum em outras obras da nossa área não se aplica a esse texto de ENF (sigla pela qual o Mestre costuma utilizar para assinar a propriedade de itens do seu acervo particular).

2 Os dezesseis mandamentos

Segundo consta no livro *Êxodo* das Sagradas Escrituras, Deus entregou a Moisés uma lista de dez mandamentos ou preceitos, escritos em duas tabuletas. O Mestre Edson, com certo exagero, ofereceu aos bibliotecários brasileiros uma lista com dezesseis preceitos! Esses preceitos ou conselhos serão comentados a seguir.

- 1) “Ser bibliotecário para tomar parte no sistema educativo nacional, regional, estadual ou municipal. Não ser bibliotecário para tornar-se um burocrata a mais no sistema administrativo da nação, do estado ou do município.”

Comentário:

O primeiro preceito aponta a importância do bibliotecário em conhecer e participar efetivamente do planejamento dentro de sua instituição. Isto é enfatizado por Martins (1980, p. xiii) quando afirmou que

Espera-se do bibliotecário ser capaz de analisar o quadro nacional de planejamento econômico e social com vistas ao desenvolvimento educativo, científico e cultural do País, interpretar o conceito de planejamento bibliotecário dentro do contexto de planos nacionais de desenvolvimento, descrever e comparar o processo informativo-educacional e cultural brasileiro com países em crescimento, (...) elaborar projetos para a implantação de serviços bibliotecários sejam eles de âmbito nacional, regional ou local (...)

A importância do planejamento, da consultoria e do assessoramento é enfatizada na legislação sobre a profissão de bibliotecário. Por exemplo, quando trata da atividade profissional, o art. 5º do Decreto n. 56.725, de 16 de agosto de 1965, que regulamentou a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário, reza que:

Art. 5º A profissão de Bibliotecário,(...) se exercer na órbita pública e na órbita privada por meio de estudos, pesquisas, análises, relatórios, pareceres, sinopses, resumos, bibliografias sobre assuntos compreendidos no seu campo, profissional, inclusive por meio de **planejamento, implantação, orientação, supervisão, direção**, execução, ou assistência nos trabalhos relativos às atividades biblioteconômicas, bibliográficas e documentológicas, em empreendimentos públicos, privados ou mistos, ou por outros meios que objetivarem, tecnicamente, o desenvolvimento das bibliotecas e centros de documentação. (BRASIL. Decreto n. 56.725, grifo nosso)

Portanto, as funções de gestor desempenhadas pelo bibliotecário demandam, entre outras coisas, que ele saiba planejar, coordenar, gerenciar ou administrar bibliotecas e centros de documentação/informação.

- 2) “Ser bibliotecário para transformar as bibliotecas em organismos dinamicamente integrados no desenvolvimento econômico, científico e tecnológico. Não ser bibliotecário para deixar as bibliotecas continuando a ser sonolentas e bolorentas repartições públicas”.

Comentário:

Parece aqui neste preceito, que o Mestre Edson absorveu as ideias de S. R. Ranganathan que afirmou em 1931, em sua quinta e última Lei da Biblioteconomia, que

a biblioteca é um organismo em crescimento. É um fato biológico indiscutível que somente o organismo que se desenvolve é o que sobrevive. Um organismo que pare de se desenvolver acabará por se paralisar e perecer. (...) Um organismo em crescimento absorve matéria nova, elimina matéria antiga, muda de tamanho e assume novas aparências e formas. (RANGANATHAN, p. 241)

A nosso ver, a informação é uma *commodity*. Como bibliotecários temos que começar a mostrar que acrescentamos valor à informação e ajudamos a transformá-la em conhecimento. É necessário fazer o *marketing* da nossa profissão. Com a ausência do bibliotecário, a biblioteca é somente uma coleção de recursos informacionais sem contexto – mesmo que sejam recursos digitais.

3) “Ser bibliotecário para exigir do Governo, do Comércio, da Indústria, dos estabelecimentos de ensino e das instituições culturais do País que deem à Biblioteca o lugar que ela tem no Governo, no Comércio, na Indústria, nos estabelecimentos de ensino e nas instituições culturais de outros países. Não ser bibliotecário para silenciar diante de uma Biblioteca Nacional que é uma vergonha nacional, de bibliotecas estaduais caindo aos pedaços, de um comércio, indústria, estabelecimentos de ensino e instituições culturais inteiramente alheias às bibliotecas ou encarando-as como órgãos ancilares”.

Comentário:

Este terceiro preceito é talvez o que, na época, mais causou polêmica. O próprio Mestre Edson escreveu, em 1988, que

Algumas pessoas mais sensíveis ficaram chocadas com a afirmação de que a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro era uma vergonha nacional. Antes de explicá-la, devo salientar que, ao patriotismo ufanista de um conde de Afonso Celso, prefiro o civismo lúcido de um Paulo Prado. Daí porque amo as instituições do meu País – inclusive as instituições de cultura, como a Biblioteca Nacional (...). Mas é preciso que o nosso amor por uma biblioteca não se transforme e mania semelhante à do personagem Sargette do romance *A revolta dos Anjos*. (...) Os Sargettes brasileiros, sentados na Biblioteca Nacional, ficaram indignados porque eu disse que ela era uma vergonha nacional. Pois repito que era uma vergonha nacional – e não seria como os sentados, de que falava Rimbaud, que eu aprenderia a amar a Biblioteca Nacional. Amo-a pela sua história e pelos grandes homens que a serviram (...) Admiro-a pela suas coleções de manuscritos, gravuras, incunábulo, periódicos e obras raras. Mas a sua decadência saltava aos olhos até de quem passava pela Praça Marechal Floriano. (FONSECA, 1988, p. 12)

Com a divulgação do *Ser ou não ser bibliotecário*, o escritor Adonias Filho, então diretor da Biblioteca Nacional sentiu-se ofendido e iniciou uma polêmica que teve inúmeros desdobramentos. Artigos, notadamente na imprensa do Rio de Janeiro foram publicados, contrários ou a favor da afirmativa da nossa maior biblioteca ser ou não uma vergonha nacional. Essa polêmica chegou até o Congresso Nacional que, mediante requerimento do Deputado Newton Carneiro, decidiu-se pela instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar as condições em que se encontrava a Biblioteca Nacional.

O relatório final dessa CPI foi publicado no *Diário do Congresso Nacional* (BRASIL. CONGRESSO NACIONAL). Vale destacar o item V desse documento, relativo às conclusões:

Denúncias públicas sobre o estado de precariedade da Biblioteca Nacional, formuladas através de prestigiosos órgãos da nossa Imprensa e mesmo por publicações estrangeiras como a Revista da Universidade da Califórnia, motivaram a criação desta CPI. Graças aos depoimentos e informações colhidas, esta Comissão teve condições de constatar que, de fato, as denúncias feitas eram de inteira procedência. (...) Tendo observado tais condições, cremos que só resta aos membros desta Comissão aguardar que, conhecendo os fatos constantes dos autos, o Governo adote as providências necessárias à defesa de um dos maiores patrimônios cultural do Brasil, tão gravemente ameaçado. (...) (BRASIL. CONGRESSO NACIONAL, 1967).

Em decorrência desta CPI e das pressões exercidas pela mídia nacional, o Governo nomeou a bibliotecária Jannice Monte-Mór para a direção-geral da Biblioteca Nacional. A nova diretora realizou uma ampla reforma no prédio e modernizou os procedimentos técnicos e administrativos. Jannice teve como sucessoras as bibliotecárias Célia Zaher e Maria Alice Barroso, que continuaram a implementar os seus projetos de modernização.

4) “Ser bibliotecário para formar novos bibliotecários de acordo com métodos também novos de ensino e pesquisa. Não ser bibliotecário para deformar os novos bibliotecários com velha didática das súmulas e aulas teóricas”.

Comentário:

Nesse quarto preceito o Mestre Edson aponta a necessidade de que os cursos de Biblioteconomia acompanhem as novas técnicas educacionais, que os seus docentes se engajem em pesquisas que possam se refletir nas aulas ministradas. Além disso, há uma provocação para que os professores se atualizem com os desenvolvimentos da área e também em áreas correlatadas, notadamente aquelas vinculadas à tecnologia da informação, bem como que aumentem a sinergia entre a pesquisa e o ensino.

Neste ponto vale ressaltar que

a formação do bibliotecário sempre esteve polarizada entre a erudição e a técnica. A orientação erudita é a mais antiga e teve como pioneira a École Nationale de Chartes, fundada em Paris, em 1821. Mais de meio século depois, em 1887, surge nos Estados Unidos uma escola com orientação técnica: a School of Library Economy, fundada por Melvil Dewey na Columbia University, Nova York, e que durou até 1992. (...) A Graduate Library School, iniciada em 1926 (...) foi um dos frutos dessa desejável harmonização do humanismo com a técnica. (FONSECA, Introdução..., p. 97-98).

E continuando, o Mestre Edson relembra que

Gilberto Freyre detestava o título de *mestre* porque se considerava um *eterno aprendiz*. Todos os campos do saber – o científico quanto o humanístico e o técnico – exigem essa disponibilidade para a formação permanente. Ou nos atualizamos ou seremos devorados, como procedia a esfinge com os que não decifravam seu enigma (idem, p. 99, grifo no original).

5) “Ser bibliotecário para servir à biblioteca. Não ser bibliotecário para servir-se da biblioteca”.

Comentário:

O Mestre Edson, no prefácio para a segunda edição da sua obra “Introdução à biblioteconomia” (FONSECA, *Introdução...*, p. xix, grifo no original) comentou que

Nós, bibliotecários, temos de evitar o que chamo de erro *biblioteconomizante*: o pensar que a biblioteca existe para o bibliotecário. A biblioteca existe para servir aos que procuram formação, informação e recreação. E os bibliotecários devem estar a serviço dessa assembleia de usuários da informação (...)

Portanto, o bibliotecário deve ser um profissional dedicado, que procure focar nas suas tarefas quotidianas e tentar transformar a biblioteca numa instituição dinâmica e útil para a sociedade. Além disso, o bibliotecário deve gostar e ter prazer no exercício profissional, ter entusiasmo e alegria pelo que faz.

6) “Ser bibliotecário para dedicar-se integralmente à Biblioteconomia. Não ser bibliotecário para fazer da Biblioteconomia um “bico” ou sinecura.”

Comentário:

Este sexto preceito está intimamente interligado ao anterior, o Mestre Edson sugere que o bibliotecário deve ter total dedicação à sua profissão, transformando-a no ponto focal de sua atividade.

7) “Ser bibliotecário para participar da rede internacional de bibliotecários e documentalistas, ajudando organizações como a FIAB e a FID. Não ser bibliotecário para participar das intrigas nacionais, estaduais e municipais de bibliotecários”.

Comentário:

Em 2018, publiquei nesta revista um editorial intitulado: “Cooperação bibliotecária: a palavra-chave nos tempos atuais” (CUNHA, 2018), onde enfatizei a necessidade de ser ampliada a cooperação entre as bibliotecas brasileiras, apontando que

As bibliotecas já estão reconhecendo a impossibilidade de, isoladamente, possuir todos os recursos informacionais para atender as necessidades de seus usuários. Assim, esforços cooperativos visando a criação de uma rede eletrônica ligando os acervos das bibliotecas devem ser enfatizados. (idem, p. 365)

A importância da cooperação bibliotecária não é nova e permanece viva até hoje. Em 1943, Rubens Borba de Moraes em seu pequeno e importante livro intitulado “O problema das bibliotecas brasileiras”, apontou que

Uma biblioteca a mais não resolve o problema de um centro cultural. Do que necessitamos é de um sistema de bibliotecas, trabalhando em conjunto, umas suprimindo as deficiências das outras, cooperando. Estradas de ferro construídas a esmo nada adiantam para os transportes de um país. O que é útil é uma rede ferroviária. Pois o que precisamos, no nosso caso, é uma rede bibliotecária! (MORAES, p. 128)

Portanto, o sétimo preceito ainda está válido nos tempos atuais. É vital integrar a biblioteca a redes e sistemas, a palavra-chave é cooperação.

8) “Ser bibliotecário para transformar as associações de bibliotecários em órgãos interessados pelo aperfeiçoamento cultural e pela atualização profissional dos seus

membros. Não ser bibliotecário para deixar que as associações de bibliotecários se limitem a reuniões sociais e excursões”.

Comentário:

A primeira associação profissional, a Associação Paulista de Bibliotecários (APB), foi fundada em 30 de setembro de 1938. A partir daí, outras entidades foram criadas nos estados. Infelizmente, a APB foi extinta em 2012, talvez em decorrência do baixo interesse dos bibliotecários paulistas em manter a sua entidade de classe. Esse comportamento por parte dos bibliotecários é quase uma regra geral, a maioria das associações têm muitas dificuldades para sobreviverem.

Aqui, vale a pena indagar se uma das causas dessa quase inanição das associações não seria motivada pelo modelo associativo adotado na área. Em vez de dezenas de associações estaduais não seria melhor ter uma forte associação nacional com seções estaduais? Esse tipo de estrutura já é adotada por outras profissões.

Com a Lei n. 4084, de 30/06/1962, foi criado o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) e seus conselhos regionais. A estrutura do CFB foi regulamentada pelo Decreto-lei n. 56.725, de 16/08/1965. A partir de então passou a existir um órgão deliberativo federal de fiscalização do exercício da atividade profissional. É possível que a existência de dois tipos de entidades profissionais tenha deixado o bibliotecário confuso e, possivelmente, certa dúvida por parte do bibliotecário

Mas, se os conselhos desempenham papel fundamental para a sociedade, por que é corriqueiro ver um profissional menosprezando a atuação de seu conselho? Uma das causas, certamente, é o desconhecimento da real função dos conselhos que leva o profissional a crer que, se ele paga o tributo, deve ser devidamente retribuído, por meio da defesa de interesses de sua categoria. Esse profissional não deixa de ter razão, porque o sistema contributivo é, por excelência, retributivo. Porém, as ações oriundas do tributo pago devem ser revertidas para dar proteção à sociedade (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, p. 21).

Portanto, o oitavo preceito ainda é válido nos tempos atuais.

9) “Ser bibliotecário para fazer do livro um meio e não um fim, para olhar o leitor, como verdadeiro objetivo da biblioteca. Não ser bibliotecário para entoar loas ao Livro, engrossando a detestável literatura bibliofílica”.

Comentário:

Neste momento em que acabamos de ultrapassar os 200 anos das ideias evolucionistas de Darwin é bom lembrar que os sobreviventes de um mundo conturbado são aqueles que melhor se adaptam às mudanças. Se os bibliotecários se isolarem em suas bibliotecas, certamente terão poucas chances de mudanças, reduzindo assim as suas habilidades para competir. Desde meados de 2008 o mundo passa por uma grande crise econômica – talvez mais grave do que a de 1929 – ocasionando, naturalmente, reflexos negativos nos orçamentos e projetos das bibliotecas e, agora agravado pela pandemia da Covid-19 que acarretou estragos

em todos os segmentos econômicos e sociais. Esses momentos de instabilidade podem mostrar a necessidade de mudança do foco que, no caso, deveria ser totalmente voltado para o usuário.

10) “Ser bibliotecário para aceitar a documentação, a informação científica, a mecanização dos serviços, a tradução automática e todas as “coisas novas” que estão surgindo e venham a surgir para facilitar o trabalho intelectual. Não ser bibliotecário para combater histericamente a documentação e conformar-se com os métodos tradicionais e rotineiros (livro de tomo, catálogo dicionário, etc.)”.

Comentário:

Dentre as “coisas novas” destaca-se a tecnologia. Ela é uma ferramenta, não a resposta para tudo. O bibliotecário deve pensar nas outras fontes que os seus usuários usam para encontrar respostas para as suas questões. Identificadas, essas outras fontes, é necessário imaginar como fazer o melhor. Cabe-nos mostrar aos nossos usuários que é importante valorizar o tempo. Como um profissional, o bibliotecário pode buscar vários recursos, incluindo a internet, de forma rápida e com qualidade, o que, certamente, poderá economizar o tempo despendido por seus usuários. Aqui ele deve enfatizar o que um eficiente profissional da informação pode fazer para eles.

Isto é uma das razões pelas quais os bibliotecários necessitam sair de trás da mesa ou balcão de referência e procurar contatos com os seus usuários nos respectivos setores de trabalho. Outras possibilidades seriam visitar os laboratórios onde os usuários trabalham; participar dos seus eventos profissionais e conhecer as grandes discussões ali travadas. Saiamos das quatro paredes da nossa biblioteca! Ao ir ao encontro dos usuários em seus contextos organizacionais os bibliotecários terão maiores chances para mostrar as suas competências e fazer parte integral de suas equipes. É sempre mais difícil divulgar todas as nossas competências apenas nas ocasiões em que os usuários comparecem à nossa biblioteca.

Esta é uma profissão onde o escopo do trabalho está em constante evolução, exigindo uma gama de habilidades em constante mudança, desde o básico da biblioteconomia até liderança, empatia e inovação.

11) “Ser bibliotecário para selecionar os livros e as revistas pensando nas necessidades dos leitores. Não ser bibliotecário para selecionar o material de acordo com o próprio interesse e gosto ou deixar que os livreiros façam a seleção”.

Comentário:

O bibliotecário deveria ser um empreendedor, começando com os seus usuários e não-usuários, identificando as suas necessidades e como as bibliotecas e os bibliotecários poderiam melhor ajudar a sua clientela indagando: “O que posso fazer para melhorar o seu trabalho?” Escutemos os usuários e procuremos criar novos produtos ou serviços, bem como aprimorar os já existentes.

12) “Ser bibliotecário para simplificar a catalogação. Não ser bibliotecário para usar pelo resto da vida o Código da Vaticana”.

Comentário:

As normas de catalogação se refere a um conjunto de regras destinadas serem aplicadas nos catálogos das bibliotecas, servindo, portanto, como um instrumento de padronização. O Código da Vaticana se refere às normas de catalogação utilizadas pela Biblioteca do Vaticano, atendendo assim, as necessidades específicas daquela instituição. Essas normas foram usadas no contexto brasileiro principalmente nas década de 1950 e 1960, existindo, inclusive, uma tradução para a língua portuguesa (BIBLIOTECA, 1962). Entretanto, essas normas procuravam atender às minúcias geradas pelas características do acervo do Vaticano – notadamente de obras raras -- e, o seu uso pelas bibliotecas brasileiras não era adequado conforme apontado por ENF quando mostrou que era importante a simplificação da catalogação.

Essa simplificação foi conseguida pela edição da American Library Association (ALA) em 1949, do código *ALA Cataloging Rules for Author and Titles* (AMERICAN, 1949), conhecidas como AACR. Em 1969 foi publicada uma tradução para o português dessas normas (AMERICAN, 1969); em 2005, foi publicada em português a segunda edição do código da ALA – o AACR-2 --, agora sob a responsabilidade da FEBAB (JOINT). O AACR-2 funcionou bem até o advento da internet, que provocou o surgimento de novos tipos de documentos, com ênfase no suporte digital. Assim, em 2010, a American Library Association (ALA) lançou o *Resource Descriptive and Access* (RDA, Recursos: Descrição e Acesso) norma de catalogação, desenvolvida por um processo de cooperação internacional, que substitui as *Anglo-American cataloguing rules* (AACR2). O RDA é usado por bibliotecas, arquivos, museus e outras instituições de patrimônio cultural para descrever materiais de todos os tipos de conteúdo e mídia. Ela mantém uma relação com os ditames do AACR2, mas difere bastante por ser baseada numa estrutura teórica, ter sido projetada para o ambiente digital e seu campo de ação ser mais abrangente.

Portanto, ENF estava correto ao afirmar que a simplificação era importante, sendo imprescindível para ampliar o acesso à informação por parte dos variados tipos de usuários – internautas ou não.

13) “Ser bibliotecário para estar a serviço dos que estudam. Não ser bibliotecário para ficar escravizado a fichas e códigos de catalogação”.

Comentário:

Aqui o Mestre Edson enfatiza a importância do bibliotecário nos contextos das bibliotecas pública, escolares e universitárias, isto é, instituições voltadas para atender os “que estudam”, sejam eles pesquisadores, universitários ou jovens dos graus iniciais da educação. Além disso, ao afirmar para não “ficar escravizado a fichas e códigos”, o Mestre quis dizer que o usuário é o ponto focal de qualquer biblioteca, e as demais coisas servem para aprimorar o acesso à informação por parte do consulente.

14) “Ser bibliotecário para usar os sistemas novos de recuperação da informação. Não ser bibliotecário para continuar a usar o sistema decimal de Melvil Dewey”.

Comentário:

Em que pese a importância do uso de sistemas de classificação comuns em toda biblioteca, o bibliotecário deve utilizar outras tecnologias para desenvolver e divulgar os seus serviços. Ter cuidado para não olhá-la como um fim em si mesmo. No caso das novas ferramentas da internet, tais como as redes sociais, verificar se, de fato, os usuários gostariam de utilizá-las.

O bibliotecário deve procurar identificar o que o bom funcionamento da biblioteca realmente conta para a organização. Mensurar quanto custaria para a organização a ausência ou demora em encontrar respostas às indagações dos usuários. Também deverá mostrar o custo-benefício dos serviços e produtos bibliotecários.

15) “Ser bibliotecário para reformar as bibliotecas de sua cidade, da sua região, do seu país. Não ser bibliotecário para conformar-se com a pobreza, a desorganização e o atraso das bibliotecas”.

Comentário:

O bibliotecário não deve ser um alienado político, deve participar dos sindicatos, partidos políticos e grupos de pressão. A pandemia da Covid-19 e o clamor nacional por justiça racial e social parecem que estão causando impactos nas bibliotecas. Assim, o bibliotecário deverá ter a confiança da biblioteca em seu trabalho para atender às necessidades da comunidade e servir ao bem público.

A biblioteca não é apenas um espaço comunitário: é um portal de informação, educação e recursos cotidianos para uma miríade de pessoas. Mas, o que isso significa num momento em que as comunidades atendidas pela biblioteca mudaram drasticamente? Se a biblioteca não estiver preparada para mudar tanto quanto o mundo ao seu redor, ela corre o risco de perder relevância ou até mesmo desaparecer na obscuridade. Como resultado, os bibliotecários têm a tarefa de adaptarem constantemente seus serviços e políticas para responder a essas mudanças em tempo real.

16) “Ser bibliotecário para atuar como “um filtro entre o leitor e o livro”, como aconselhava Ortega y Gasset. Não ser bibliotecário para esconder-se do leitor, a fim de ler todos os livros, como um pobre Mallarmé de província”.

Comentário:

Neste último preceito está embutida a ideia de que o bibliotecário tem uma missão a cumprir. Essa missão de intermediário da informação foi muito bem sintetizada pelo filósofo espanhol Jose Ortega y Gasset que, numa palestra proferida no 2º Congresso Mundial de Bibliotecas e Bibliografia, realizado em Madri, em 1935, imaginou o “futuro bibliotecário como um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem” (ORTEGA Y GASSET, p. 46).

Também é necessário realizar verdadeiras auditorias informacionais com intuito de assegurar que os nossos usuários estejam recebendo aquilo que realmente necessitam. É vital

que o bibliotecário saia da chamada zona de conforto e que esteja totalmente focado no usuário-final.

3 Considerações finais

Neste terceiro número da RICl em 2022, foram selecionados para publicação 18 artigos e dois artigos de revisão de literatura.

Boa leitura e até o nosso próximo número!

Referências

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **ALA cataloging rules for author and title entries**. Chicago: ALA, 1949.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Código de catalogação anglo-americano**. Brasília : Ed dos Tradutores, 1969. 528 p.

BIBLIOTECA APOSTOLICA VATICANA;. **Normas para catalogação de impressos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1962. 502 p.

BRASIL. CONGRESSO NACIONAL. COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO SOBRE A BIBLIOTECA NACIONAL. Conclusões. **Diário do Congresso Nacional**, Seção I, Suplemento ao n. 32, 8 de abril de 1967.

BRASIL. Decreto n. 56.725 de 16 de agosto de 1965. Regulamenta a Lei 4084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecário. **Diário Oficial**, 19/08/1965, p. 8366.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Bibliotecário: 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil - 1965-2015**. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015. 352 p.

CUNHA, M. B. da. Cooperação bibliotecária: a palavra-chave nos tempos atuais. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 364–366, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICl/article/view/10932>. Acesso em: 21 set. 2022.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. Brasília: Brique de Lemos Livros, 2007. 152 p.

FONSECA, Edson Nery da. **Ser ou não ser bibliotecário**. Brasília: UNB, 1966. 5p.

FONSECA, Edson Nery da. **Ser ou não ser bibliotecário e outros manifestos contra a rotina**. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1988. 260 p

JOINT STEERING COMMITTEE FOR REVISION OF AACR. FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. **Código de Catalogação Anglo-Americano**. 2. ed. São Paulo, SP: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições, 2005. 2 v.

MARTINS, Myriam Gusmão de. **Planejamento bibliotecário**. São Paulo: Pioneira, 1980.

MORAES R. B. de. **O problema das bibliotecas brasileiras**. 2. ed. Brasília: ABDF, 1983.

ORTEGA Y GASSET, Jose. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Brique de Lemos Livros, 2006. 82 p.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008. 336 p.